



Correspondência aos Autores

Raul da Silveira Santos
E-mail: raulsantos.21@hotmail.com
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/8857084478164330>

Francisco Pereira de Oliveira
E-mail: folivieiranono@yahoo.com.br
Universidade Federal do Pará
CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/6672819410146078>

Submetido: 23 jul. 2024
Aceito: 15 abr. 2025
Publicado: 29 jun. 2025

doi [10.20396/riesup.v12i00.8677307](https://doi.org/10.20396/riesup.v12i00.8677307)
e-location: e026038
ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



Os (as) quilombolas e as políticas de ações afirmativas no ensino superior, campus universitário de Bragança, Nordeste Paraense

Raul da Silveira Santos  <https://orcid.org/0000-0001-5217-9450>

Francisco Pereira de Oliveira  <https://orcid.org/0000-0003-1327-8362>

RESUMO

Introdução: O sistema educacional público brasileiro é marcado pelo descaso com os investimentos na área da Educação Superior do Brasil. **Objetivo:** Investigar as políticas de ações afirmativas concernentes aos quilombolas, com o olhar voltado para o acesso e permanência na UFPA, Campus de Bragança. Diante deste cenário, surge a questão problema: em que medida as políticas de ações afirmativas contribuem com o acesso e a permanência dos(as) quilombolas no Ensino Superior na Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança? **Método:** A pesquisa esteve pautada na abordagem qualitativa e a técnica de coleta de dados foi o questionário com perguntas semiestruturadas. Foram selecionados dez alunos(as) quilombolas por meio de sorteio – dentro de um universo de 84 alunos(as) – para participarem da pesquisa. A análise ocorreu, primeiramente, pela organização e tabulação das respostas oriundas do questionário. Os dados coletados possuem uma natureza qualitativa e foram tratados por meio da análise do discurso. **Resultados:** O estudo demonstrou os sentimentos de orgulho e de conquista dos(as) sujeitos da pesquisa, além da busca por afirmação de identidade dentro de um espaço acadêmico e formador de opiniões. **Conclusão:** As falas enfatizaram que questões sobre cultura, história, identidades, valores e saberes e a afirmação de suas identidades são processos fundamentais para a garantia da permanência e, portanto, falar de permanência no Ensino Superior para os(as) alunos(as) quilombolas, é romper com a dicotomia de ter auxílio financeiro ou não, mas falar de identidade, representações, valores, cultura, formação de professores, currículo, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino superior. Ações afirmativas. Quilombolas. Acesso. Permanência.

Quilombolas and affirmative action policies in higher education, Bragança university campus, Northeast Paraense

ABSTRACT

Introduction: The Brazilian public educational system is marked by neglect towards investments in the area of Higher Education in Brazil. **Objective:** To investigate affirmative action policies concerning quilombolas, with an eye on access and permanence at UFPA, Campus de Bragança. Given this scenario, the problem question arises: to what extent do affirmative action policies contribute to the access and retention of quilombolas in Higher Education at the Federal University of Pará, Bragança Campus? **Method:** The research was based on a qualitative approach and the data collection technique was a questionnaire with semi-structured questions. Ten quilombola students were selected through a draw – out of a universe of 84 students – to participate in the research. The analysis occurred, firstly, by organizing and tabulating the responses from the questionnaire. The data collected has a qualitative nature and was treated through discourse analysis. **Results:** The study demonstrated the feelings of pride and achievement of the research subjects, in addition to the search for affirmation of identity within an academic and opinion-forming space. **Conclusion:** The statements emphasized that questions about culture, history, identities, values and knowledge and the affirmation of their identities are fundamental processes for guaranteeing permanence and, therefore, talking about permanence in Higher Education for students quilombolas, is to break with the dichotomy of having financial aid or not, but to talk about identity, representations, values, culture, teacher training, curriculum, among others.

KEYWORDS

University education. Affirmative actions. Quilombolas. Access. Permanence.

Quilombolas y políticas de acción afirmativa en la educación superior, campus universitario de Bragança, Noreste de Paraense

RESUMEN

Introducción: El sistema educativo público brasileño está marcado por el abandono de las inversiones en el área de Educación Superior en Brasil. **Objetivo:** Investigar políticas de acción afirmativa en relación con los quilombolas, con miras al acceso y la permanencia en la UFPA, Campus de Bragança. Ante este escenario, surge la pregunta problemática: ¿en qué medida las políticas de acción afirmativa contribuyen al acceso y permanencia de los quilombolas en la Educación Superior en la Universidad Federal de Pará, Campus de Bragança? **Método:** La investigación se basó en un enfoque cualitativo y la técnica de recolección de datos fue un cuestionario con preguntas semiestructuradas. Diez estudiantes quilombolas fueron seleccionados mediante sorteo – de un universo de 84 estudiantes – para participar en la investigación. El análisis se realizó, en primer lugar, organizando y tabulando las respuestas del cuestionario. Los datos recolectados son de carácter cualitativo y fueron tratados a través del análisis del discurso. **Resultados:** El estudio demostró los sentimientos de orgullo y logro de los sujetos de la investigación, además de la búsqueda de afirmación de identidad dentro de un espacio académico y de formación de opinión. **Conclusión:** las declaraciones enfatizaron que las cuestiones sobre cultura, historia, identidades, valores y conocimientos y la afirmación de sus identidades son procesos fundamentales para garantizar la permanencia y, por tanto, hablar de permanencia en la Educación Superior para los estudiantes quilombolas, es romper con la dicotomía de tener ayuda económica o no, sino hablar de identidad, representaciones, valores, cultura, formación docente, currículo, entre otros.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza superior. Acciones afirmativas. Quilombolas. Acceso. Permanencia.

CRedit

- **Reconhecimentos:** Não aplicável.
- **Financiamento:** Não aplicável.
- **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- **Aprovação ética:** Não aplicável.
- **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
- **Contribuições dos autores:** Conceituação, Curadoria de Dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Visualização, Redação – rascunho original: Redação – revisão & edição: Santos, R.; Oliveira, F.
- **Revisor Gramatical e ABNT:** Luísa Haddad Labello.

Editores de Seção: Davi Alexandre Schoenardie, Maria de Lourdes Pinto de Almeida.

Introdução

O sistema educacional público é marcado, historicamente, pela precariedade e descaso com os investimentos efetivos na área da Educação Básica e Superior do Brasil, pois, durante um longo período, o Estado deixou de lado uma educação de qualidade para o povo brasileiro, portanto, em via de regra, as classes sociais menos favorecidas acabam sofrendo as consequências de um ensino deficitário com mais afínco. Araújo e Silva (2005, p. 28) afirmam que “desde o início da colonização a educação brasileira apresenta uma gestão problemática e discriminatória”. O que, por conseguinte, faz com que o estudante da educação pública passe a ter menos recursos. No que diz respeito à qualidade, certamente, esse sujeito fica condicionado a ter uma educação que não visa à emancipação e o exercício pleno da cidadania, algo que é de suma importância, independentemente de cor, raça, sexo, credo ou status socioeconômico.

Mesmo com tamanho descaso histórico, viu-se, na última década, ações que levaram a um perceptível crescimento do acesso ao Ensino Superior no Brasil a partir da insistência e resistência dos movimentos sociais, e, por certo, esse acesso é caracterizado por grandes disputas pelos cursos nas Instituições de Ensino Superior (IES) público. Outro fator, é que os cursos tidos como de maiores “prestígios”, considerados elitizados, são conquistados por estudantes mais bem preparados, oriundos de escolas particulares, salvo algumas exceções. A essa ocorrência, podem-se atribuir dois motivos, o primeiro é que o(a) aluno(a) que possui melhores condições econômicas prepara-se com mais qualidade (acesso à bibliotecas, internet de qualidade, docentes formados nas suas respectivas áreas de ensino, dentre outros) para as provas de vestibular, logo, dominam os cursos mais concorridos nas universidades públicas.

O segundo fator que precisa ser levado em consideração, é o caso de que estudantes em situação de vulnerabilidade econômica, sequer – muitas das vezes – tentam uma vaga nas Instituições de Ensino Superior, por inúmeros fatores, como o fato de precisarem trabalhar, perpetuando-se, assim, uma tradição de que a universidade é um espaço destinado aos ricos. Nesse contexto de argumentação, recorta-se a discussão para a luta quilombola por uma educação de qualidade, que fomenta o acesso e permanência desses sujeitos na universidade, ou seja, respeitando as suas conjunturas históricas e buscando a correção, mesmo que paulatinamente, de séculos de exclusão.

A sociedade brasileira é caracterizada pela diversidade, no entanto, durante muito tempo, essa diversidade foi recusada e/ou invisibilizada por se acreditar na existência de uma pseudo homogeneidade, que foi difundida pelo etnocentrismo europeu, que tem como objetivo a dominação cultural elitizada. Essa tentativa de homogeneização esteve e ainda está ligada à negação dos conhecimentos das comunidades tradicionais, entre elas, estão as comunidades quilombolas. Tem-se, nessa discussão, o princípio de que “a existência de mocambos e quilombos ao longo do nosso país será em geral, esquecida ou fracamente registrada por nossa historiografia oficial” (Maestri, 1979, p. 92).

Um levantamento feito pela Fundação Cultural dos Palmares, em 2008, mapeou 3.524 comunidades no território brasileiro, porém, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) valeu-se de uma metodologia que possibilitou o Censo Demográfico de 2020-2022, a incorporação de novos dados estatísticos, ocasionando, um melhor retrato desse número de comunidades reconhecidas no Brasil, ou seja, saíram de 3.524 para 7.666 (sete mil seiscentos e sessenta e seis) comunidades quilombolas espalhadas pelo território brasileiro (IBGE, 2022).

Ao levar em consideração as desigualdades que historicamente atingem vários segmentos da nossa sociedade, inclusive na área da educação, pondera-se, mediante ao contexto de exclusão, que as cotas podem servir como um instrumento valioso para a situação do(a) quilombola, no que concerne ao respeito e à valorização das diferenças, possibilitando o acesso e à permanência desses sujeitos, que por muito tempo estiveram privados do espaço acadêmico. Em contrapartida, é necessário que as universidades estejam preparadas para ajudar na ampliação de um mundo mais tolerante e de ampla riqueza simbólica e epistemológica, promovendo, sobretudo, a permanência dessas pessoas que saem de seus territórios para imergir noutro espaço que tem, em grande parte, feito ciência de modo positivista e negado, por vezes, os saberes ancestrais dos povos locais e tradicionais de nosso Brasil, em especial, os povos da Amazônia brasileira.

Destaca-se, portanto, a relevância deste estudo no âmbito acadêmico em contribuir – com as literaturas existentes – para com a comunidade científica e fomentar subsídios para futuros estudos sobre a temática, com o aprimoramento cada vez maior sobre as políticas públicas de Estado no que diz respeito ao acesso e, principalmente, à permanência desses(as) estudantes quilombolas.

Outro ponto relevante do estudo é o fato de disponibilizar uma produção científica que explique para a sociedade como um todo, mais especificamente, para aqueles(as) que têm o direito de usufruir das políticas de ações afirmativas, e que, por vários motivos, desconhecem os seus direitos, portanto, torna-se importante tratar a temática em tela, subsidiada por uma discussão advinda de pesquisas de campo com foco na percepção e escuta de estudantes sobre as políticas públicas de ações afirmativas projetadas para o acesso e permanências de pessoas quilombolas no ensino superior.

As cotas surgem como resposta a problemas de discriminação e desigualdades presentes na sociedade ainda nos dias de hoje (Moehlecke, 2002). Diante desse cenário apresentado, surge a pergunta: em que medida as políticas de ações afirmativas contribuem com o acesso e a permanência dos(das) quilombolas no Ensino Superior na Universidade Federal do Pará, no Campus Universitário de Bragança? Localizado no município de Bragança, nordeste do estado do Pará, esse Campus é uma unidade regional de ensino superior na região, constituindo-se como uma forte política de interiorização da referida Universidade, tido como uma referência no fazer ciência na educação em diversas áreas do conhecimento, alinhado ao tripé ensino, pesquisa e extensão.

Destarte, a pesquisa partiu da hipótese de que as políticas públicas de ações afirmativas contribuem para o acesso de quilombolas no Ensino Superior, no entanto, na permanência, há ainda carências que precisam ser discutidas. A hipótese se sustenta pelo fato de que houve diversas lutas sociais em nível de articulação nacional e local para que o editais de vestibulares das universidades reconhecessem a necessidade de incluir diversas formas de acesso à universidade por meio de cotas, no entanto, a política de permanência se configura como ineficiente para a estadia de estudantes quilombolas nas universidades.

Logo, o principal objetivo foi estudar as políticas públicas de ações afirmativas concernentes aos quilombolas, com o olhar voltado para o acesso e a permanência no Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará (UFPA), no sentido de identificação das políticas de ações afirmativas para as pessoas quilombolas e o processo de permanência no Ensino Superior, a partir das falas de estudantes quilombolas desta Instituição.

Referencial teórico

Nesta seção, são apresentados conceitos fundamentais nas discussões estabelecidas sobre a temática “Os (as) quilombolas e as políticas de ações afirmativas no Ensino Superior”, a partir das categorias: políticas públicas; quilombolas, ações afirmativas e permanência no Ensino Superior, pois considera-se que todas categorias conceituais são fundamentais para a compreensão de ações de governo e de estado, especialmente quando revistadas as legislações vigentes e, para além, estudos de pesquisadores(as) que dialogam sobre o nosso objeto de estudo. Assim, buscaram-se, no campo do conhecimento, as principais referências na definição dos conceitos trabalhados na pesquisa sobre o que são políticas, os quilombos, as políticas de ações afirmativas e o conceito de permanência no Ensino Superior.

Em um sentido lato, considera-se que os quatro conceitos são perpassados entre si, pois falar de políticas públicas, quilombolas, ações afirmativas é transcorrer, entre outros fatores, sobre a permanência desses(as) alunos(as) quilombolas no Ensino Superior à guisa da pesquisa com foco nas suas percepções correlacionados à teorias que, interdisciplinarmente, dão conta de analisar do local ao nacional.

Dentro da perspectiva, as políticas públicas, para Muller e Surel (2002, p. 12), “é tudo o que o governo decide fazer ou não fazer”, sendo um constructo social (conjunto de medidas a se atingir), mas também um constructo de pesquisa (trabalho de análise e reconstrução dos objetivos da ação pública). A palavra política deriva do adjetivo grego polis (politikos) e diz respeito a tudo o que se refere à cidade, ao público, ao civil e, inclusive, ao que é sociável e social (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1992). Segundo Azevedo (1997), trata-se do “Estado em ação”, e pode ser determinada a partir de uma demanda solicitada pela sociedade, a qual

se espera a atuação do Estado, deixando evidente uma possível articulação entre Estado e sociedade.

De modo amplo e objetivo, destacam-se os teóricos que mais se afinam para essa temática. Lynn (1980), de modo categórico, define a política pública como um conjunto específico de ações do governo que produzirão efeitos específicos. O que também é convergente para as ideias de Peters (1986), quando argumenta que política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam diretamente a vida dos cidadãos.

Numa categoria de análise mais pontual, Dye (1984, p. 27) argumenta que a política pública é “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”. No entanto, no meio das discussões acadêmicas, a definição mais conhecida é a de Laswell (1958), ou seja, decisões e análises sobre política pública implicam em responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por que e que diferença faz. Embora se tenha vontade de ampliar as discussões em torno das políticas públicas, reservamo-nos às questões conceituais para nos debruçarmos na sua aplicação nos dias atuais, com recorte para a política pública de educação no ensino superior, especificamente com as ações afirmativas.

De inspiração africana, os quilombos brasileiros constituíram-se de estratégias de oposição às condições de trabalho, revoltas, até a fuga para os mocambos ou quilombos. Nesse sentido, Gomes (2015, p. 10) faz assertiva de que quilombos estão imersos nas concepções e experiências tidas na África Central.

Eram termos da África Central usados para designar acampamentos improvisados, utilizados para guerras ou mesmo apresamentos de escravizados. No século XVII, a palavra quilombo também era associada aos guerreiros imbangalas (jagas) e seus rituais de iniciação. Já o mocambo, ou mukambu tanto em Kimbundu como em Kicongo (línguas de várias partes da África Central), significava pau de feira, tipo de suportes com forquilhas utilizados para erguer choupanas nos acampamentos.

Segundo Fiabani (2012), o quilombo histórico era caracterizado por meio de três elementos: a formação, a reprodução e a resistência. As evidências dos primeiros quilombos no Brasil surgem no período colonial, em decorrência do processo escravista que se intensificou com a chegada dos negros africanos na colônia.

Quanto à reprodução dos quilombos, Fiabani (2012, p. 272) afirma que “o quilombo expandia-se através de dois mecanismos: um interno, a reprodução biológica; outro externo, pelo recrutamento, apropriação e incorporação de cativos, de ambos os sexos, e homens livres, marginalmente”. Ou seja, dando uma ideia de dinamicidade na configuração dos quilombos brasileiros. Ainda sobre os quilombos brasileiros, Munanga (1996, p. 63) destaca que o “quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos”.

Em meio à formação e expansão dos quilombos brasileiros, há resistência contra a opressão e escravidão brasileira. E essa história não pode ser negada pelas poucas linhas nos livros de história, com destaque, às vezes, apenas para o Quilombo de Palmares, em Alagoas, com isso, negando e escondendo fatos importantes dos movimentos quilombolas em diferentes regiões do Brasil.

Essas poucas linhas, servem como degustação aos elementos que serão percorridos nas linhas gerais do presente trabalho, em que elementos mais contundentes serão abordados e contextualizados por ocasião dos resultados que serão discutidos abaixo, ensejados a partir das ações afirmativas, que ora transversalizam as políticas públicas e as questões dos/as alunos/as quilombolas que acessaram o Ensino Superior no Campus Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará.

O debate sobre políticas de ações afirmativas nos últimos anos, abrangeu inúmeros segmentos da sociedade, logo, o debate sobre a democratização ao acesso no Ensino Superior, tornou-se essencial. De acordo com Gomes (2001, p. 72),

ações afirmativas consistem em políticas públicas (e também privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial. De gênero, de idade, de origem nacional, de complexão física e situação socioeconômica. Impostas ou sugeridas pelo Estado, por seus entes vinculados e até mesmo por entidades puramente privadas, elas visam a combater não somente as manifestações flagrantes de discriminação, mas também a discriminação de fundo cultural, estrutural, enraizada na sociedade.

Ainda sobre o referido tema, Bergman (1996, p. 7) entende que:

Ação afirmativa é planejar e atuar no sentido de promover a representação de certas pessoas em determinados empregos ou escolas. É uma companhia de seguros tomando decisões para romper com sua tradição de promover a posições executivas, unicamente homens brancos. É a comissão de admissão da Universidade da Califórnia em Berkeley buscando elevar o número de negros nas classes iniciais. Ações afirmativas pode ser um programa formal e escrito, um plano envolvendo múltiplas partes.

Fica evidente a ideia e, principalmente, a urgência de promover a ascensão de grupos que foram historicamente inferiorizados, estereotipados, e com essa ascensão começar a construção de uma sociedade mais justa. As ações afirmativas têm um importante papel – de reparação de séculos de exclusão – dentro da conjuntura de uma sociedade desigual e excludente de várias minorias.

A Tabela 1 ilustra como as políticas de ações afirmativas têm contribuído nos últimos anos com a entrada de alunos(as) quilombolas no Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará.

Tabela 1. Ano de entrada e quantidade de alunos(as) quilombolas no Campus de Bragança (2015-2023)

Ano	Quantidade de alunos(as)
2015	09
2016	04
2017	10
2018	11
2019	25
2020	13
2021	01
2022	14
2023	09
Total	96

Fonte: Núcleo de Assistência Estudantil UFPA/Bragança.

Destarte, constata-se que, no ano de 2015, foram 09 alunos que iniciaram sua trajetória no Ensino Superior, mas, no ano seguinte, 2016, apenas 04 alunos(as) quilombolas chegaram ao Campus Bragança, uma diminuição de aproximadamente 55%. Porém, durante três anos seguidos (2017, 2018 e 2019), houve um crescimento nas matrículas. Sendo que, no ano de 2019, há um aumento considerável com a entrada de 25 alunos(as), um crescimento aproximado de mais de 500% em relação ao ano de 2016.

No entanto, nos anos seguintes (2020, 2021, 2022 e 2023), houve uma queda substancial no número de alunos(as) quilombolas que adentraram o nível superior no referido Campus, com destaque negativo, significativamente, para o ano de 2021, com a alarmante e preocupante informação de que apenas um(a) aluno(a) quilombola teve acesso ao ensino superior. Em 2020, já houve um número baixo de matrículas, aproximadamente 50% a menos comparado ao ano anterior. Em 2022, aconteceu um aumento se compararmos com o ano de 2021, pois foram realizadas 14 matrículas, mas ainda pouco frente à história de negação de direitos a essa parcela da população brasileira, por fim, no ano de 2023, uma nova queda no quantitativo, com apenas 09 matrículas.

Alguns elementos precisam ser considerados nesse recorte trazido de 09 anos de políticas afirmativas para quilombolas na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança. Não se pode ao certo afirmar, mas pressupõe-se que o aumento de matrículas em determinado momento, deve-se ao fato de que os que estão, iniciaram um processo de divulgação entre os seus, o que, provavelmente, culmina com mais pessoas buscando e acessando as vagas de ações afirmativas para o ensino superior, embora se reconheça que ainda é ínfimo frente às reais demandas do nordeste paraense. Ademais, em 2020, o mundo foi assolado pela Pandemia da COVID-19, o que, sem dúvidas, impactou no acesso dos(as) sujeitos das comunidades quilombolas ao Ensino Superior no nordeste paraense.

O Ensino Superior no Brasil tem passado, nas últimas décadas, por um crescimento no número de alunos(as), segundo Almeida (2012), esse crescimento tem acontecido, principalmente, pela entrada de alunos(as) que fazem parte de uma parcela da sociedade menos favorecida, ou seja, geralmente são estudantes que tiveram sua formação básica em escolas públicas, e que enfrentam inúmeros desafios em relação aos seus estudos no Ensino Superior.

Romper com esses desafios e concomitantemente a isso, auxiliá-los no enfrentamento, é uma forma de garantir a permanência desses estudantes, uma vez que “as políticas de permanência possuíam maior abrangência, incluindo aspectos relacionados a diferentes formas de inserção plena na universidade, como, por exemplo, programas de iniciação científica” (Honorato; Vargas; Heringer, 2014, p. 2). Portanto, enfatizamos que as políticas desenvolvidas no âmbito da permanência dos(as) estudantes em situação de vulnerabilidade, devem ser pensadas e implementadas com o intuito de garantir a permanência desses estudantes.

Metodologia

Área de estudo

A pesquisa aconteceu no Campus Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará (UFPA), no município de Bragança do Pará (Figura 1), que está localizado no nordeste paraense, a 210 quilômetros da capital do Estado, Belém. O município, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020), possui uma população de 128.914 habitantes.

Figura 1. Localização do nordeste paraense com destaque para o município de Bragança



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018).

O presente estudo investigou junto às Faculdades de Educação, História, Letras, Matemática, Ciências Naturais, Ciências Biológicas e Engenharia de Pesca, do Campus de Bragança e do Instituto de Estudos Costeiros, respectivamente, os/as alunos/as que acessaram e permaneceram no ensino superior, a partir de entrevistas por meio de roteiro com perguntas semiestruturadas e, posteriormente, analisadas à luz da Análise de Conteúdo.

Coleta de dados primários e secundários

O percurso metodológico, ainda, funda-se a partir dos dados primários e secundários. Nessa perspectiva, compreendem-se como dados primários aqueles que estão ligados diretamente ao pesquisador. Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 6) afirmam que “as fontes primárias são dados originais, a partir dos quais se tem uma relação direta com os fatos a serem analisados, ou seja, é o pesquisador(a) que analisa”. Para a coleta desses dados, foi necessária a elaboração de um roteiro com perguntas abertas e fechadas (semiestruturadas) no sentido de captar as informações basilares para o construto do presente trabalho.

De início, foi feito o levantamento dos dados secundários, como pesquisas em sites oficiais, plataforma de dados da UFPA, entre elas, a Superintendência de Assistência Estudantil (SAEst). Além da busca de dados com os(as) técnicos(as) em assuntos educacionais do Campus de Bragança, com o objetivo de fazer um levantamento de quantos alunos(as) quilombolas estavam estudando nos cursos de graduação do Campus de Bragança.

Posteriormente, foi feita a busca pelos dados primários por meio do contato via e-mail, solicitando que os sujeitos da pesquisa respondessem a um roteiro on-line, que continha

perguntas sobre o perfil, características de acesso e permanência no ensino superior, dentre outras questões basilares à temática.

Amostragem

Foram selecionados dez alunos(as) quilombolas do Campus de Bragança para participarem da presente pesquisa. O principal critério utilizado para a escolha dos(as) alunos(as) foi que esses sujeitos tivessem adentrado nos cursos de graduação por meio do Processo Seletivo Especial para Quilombolas e, seguidamente, foi realizado um sorteio entre todos para se extrair a amostragem. Importante frisar que “a amostragem refere-se a um conjunto de técnicas para se conseguir representatividade” (Bauer, 2014, p. 41). A partir de então, os e-mails encaminhados foram respondidos com as respectivas respostas, o que permitiu a compilação dos dados necessários para se constituir o processo analítico e, posteriormente, resultados e discussão.

Análise dos dados

Os dados foram coletados e possuem uma natureza qualitativa e mediante a esse fator, entende-se que a pesquisa qualitativa “[...] não se busca um tratamento estatístico e o estabelecimento de probabilidades, pois o objetivo do pesquisador é compreender o seu caso – particular e específico – sem preocupar em buscar leis aplicáveis a qualquer outra realidade semelhante” (Meksenas, 2010, p. 122).

Logo, os dados foram tratados por meio da Análise de Conteúdo, quando efetuada a construção do corpus da pesquisa, que é uma técnica que permite chegar a conclusões objetivas a partir de elementos implícitos. Nesse sentido, embora o corpus textual possa suscitar uma variedade de questões, a análise de conteúdo interpreta o texto exclusivamente à luz do referencial de codificação, o qual representa uma escolha teórica alinhada aos objetivos da pesquisa (Bauer, 2002).

Resultados e discussão

Entre os anos de 2015 e 2023, houve a entrada de 96 alunos(as) quilombolas nos cursos de graduação ofertados no Campus de Bragança/UFPA, como se observa na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição por curso dos/as alunos/as quilombolas que acessaram o Ensino Superior no Campus Universitário de Bragança/UFPA, entre 2015-2023

Curso	Quantidade	Percentual
-------	------------	------------

Ciências Biológicas	13	13,54%
Ciências Naturais	15	15,63%
Engenharia de Pesca	11	11,46%
História	10	10,42%
Letras Língua Inglesa	10	10,42%
Letras Língua Portuguesa	12	12,50%
Matemática	11	11,46%
Pedagogia	13	13,54%
Mestrado	01	1,04%
Total	96	100%

Fonte: Núcleo de Assistência Estudantil UFPA/Bragança.

Esses números trazem um panorama sobre os cursos que possuem mais matrículas feitas por alunos(as) quilombolas dentro de um recorte temporal, em que ingressaram em 08 (oito) cursos de graduação e um de Pós-Graduação stricto sensu do referido Campus. Os principais cursos foram: Ciências Naturais com 15,63%, seguido de Ciências Biológicas e Pedagogia com 13,54%, respectivamente.

Não se pode aferir o porquê da escolha do curso “x” ou “y”, mas é pertinente, futuramente, buscar o que motivou suas escolhas para os cursos, certamente, todos têm motivos para isso.

Os dados coletados nos mostram também que apenas um(a) aluno(a) quilombola acessou a Pós-Graduação no Campus Universitário de Bragança. Ao considerarmos alguns elementos, tais como: que o acesso deste(a) aluno(a) foi em 2015, que o recorte temporal da pesquisa começa em 2015, que a duração média dos cursos pesquisados é de quatro anos, alunos de 2015 a 2019, ou seja, 59 alunos(as) quilombolas já poderiam ter acessado à Pós-Graduação em nível lato ou stricto na UFPA, Campus Bragança. Mas isso não aconteceu, revelando que o acesso do povo quilombola a níveis educacionais para além da graduação ainda é pequeno, corroborando a necessidade de investigações aprofundadas sobre os motivos e posteriormente tomadas de decisões para solucionar as problemáticas.

Perfil dos(as) estudantes quilombolas da pesquisa

Do universo de alunos/as quilombolas matriculados/as no Campus de Bragança, dez alunos/as foram sujeitos da presente pesquisa, assim sendo, seus perfis demonstram suas autodeclarações, como se evidencia na Tabela 3.

Tabela 3. Perfil dos/as alunos/as quilombolas do Campus de Bragança/UFPA (2015- 2019) que acessaram o ensino superior por meio do Processo Seletivo Especial para Quilombolas

Estudante	Autodeclaração	Processo seletivo	Ano de ingresso	Curso
Aluna 1	Quilombola	2016	2017	Letras L. Portuguesa
Aluno 2	Quilombola	2018	2019	Engenharia de Pesca
Aluna 3	Negra e quilombola	2017	2018	Pedagogia
Aluna 4	Quilombola	2014	2015	História
Aluna 5	Negra e quilombola	2014	2015	História
Aluna 6	Negra e quilombola	2017	2018	História

Aluno 7	Negra e quilombola	2018	2019	Matemática
Aluna 8	Quilombola	2021	2022	Pedagogia
Aluna 9	Quilombola	2018	2019	História
Aluno 10	Negra e quilombola	2022	2023	Matemática

Fonte: os autores, pesquisa de campo (2024).

Percebe-se que a autodeclaração é variável, pois uns/umas se definem quilombolas e outros/as negros/as e quilombolas. O que nos leva a fazer algumas aferições, o(a) quilombola, expressa seus valores e seus princípios de forma simbólica e afetiva ao grupo, por fazer parte de um contexto de trocas e compartilhamentos, ligados a um sentimento de pertença a um universo particular. Já aquelas que se declaram negras e quilombolas, caminham por um viés de militância dentro do movimento negro, com uma posição ativa e de resistência contra um contexto de exclusão.

O ingresso: desafios enfrentados

Este tópico do trabalho tem como escopo apresentar os relatos dos(as) estudantes quilombolas em relação aos desafios enfrentados por eles(as) na chegada à universidade referentes às relações com a instituição, com os professores e com os colegas de curso.

Inicialmente, perguntou-se: como foi o processo de seleção para ingressar na universidade? As respostas demonstraram que todos/as sentiram a alegria de ter percorrido um caminho e ultrapassado uma barreira alta e quase intransponível, como bem se percebe no discurso da Aluna 3:

O Processo Seletivo Especial foi e é muito importante para a gente que vive em comunidades distantes da capital, tive que viajar para Belém duas vezes para participar desse processo, foi complicado por naquele momento não tinha dinheiro e quase não dava para eu ir, mas graças a Deus deu tudo certo.

Segundo Foucault (1996, p. 48), “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade”, ou seja, o discurso traz à tona uma questão que perpassa e é transponível a todos os desejos numa sociedade capitalista, que é o “dinheiro”. Como se observa no discurso, tudo é lindo e belo, até “graças a Deus” é um discurso de alívio, no entanto é evidenciado que a ausência do “dinheiro” foi um dos atropelos para que a referida aluna conseguisse, pelo menos, viajar até o local da seleção.

Complementarmente, indagou-se: O que você sentiu ao saber o resultado do vestibular? Como foi seu primeiro dia de aula na Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança? Em relação à primeira pergunta, constatou-se uma extrema felicidade, acompanhada pela consciência dos desafios que os/as esperavam nessa nova fase de estudos, uma mistura de dever cumprido, mas com o dever maior para o futuro, evidenciados nos discursos abaixo:

Fiquei feliz, mas não tinha noção do que isso ia mudar na minha vida (Aluna 4).

Uma felicidade tão grande que nem sei explicar (Aluno 2).

Quando eu soube que tinha passado [...] fiquei muito feliz, mas fiquei mais feliz quanto eu tive a certeza que iria entrar na Universidade Federal do Pará (Aluna 3).

É perceptível que a concepção dos(as) estudantes quilombolas sobre a universidade está muito atrelada ao desejo de ingressar no Ensino Superior para cursar a graduação numa instituição pública, algo que ficou evidente nas falas por meio de termos que elucidaram a felicidade dos(as) estudantes.

Ademais, em relação à segunda pergunta, as respostas que foram dadas trouxeram alguns termos que merecem destaque, como por exemplo, “foi um choque”, “foi difícil”. Esses termos ficam melhor explícitos nas falas transcritas na íntegra

Foi difícil eu não conseguia entender nem uma palavra que o professor parecia falar uma outra língua (Aluna 4).

Foi um choque, porque quando você chega na sala de aula com muitas pessoas inteligentes, você se acha incapaz de realizar alguma tarefa passada pelos professores, mas tive muita ajuda dos colegas (Aluna 3).

Mediante ao exposto pelas alunas, ratifica-se o que Salvador, Heringer e Oliveira (2014, p. 11) evidenciam ao afirmarem que “as dificuldades de acesso à educação superior são a ponta do iceberg”. Destarte, considera-se o Processo Seletivo Especial para quilombolas de grande valia como forma de correção desse déficit educacional histórico, perpassando desde a educação básica.

Conforme apontado por Araújo e Silva (2005), “a população escrava era impedida de frequentar a escola formal, que era restrita por lei, o art. 6, item 1 da Constituição de 1824 coibia o ingresso da população negra escrava, que era, em larga escala africana de nascimento”. Por meio dos documentos oficiais, infere-se um jogo de poder com o objetivo de perpetuar uma condição de subordinação do(a) negro(a) na sociedade. “[...] nesse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo do poder?” (Foucault, 1996, p. 20). Logo, constata-se o histórico de negação sofrido pela população negra, sendo o acesso ao Ensino Superior mais uma vertente de negação e exclusão.

Dentro da perspectiva de buscar conhecer os desafios enfrentados pelos(as) alunos(as) quilombolas, foram feitas mais duas perguntas, a saber: seus colegas e professores sabiam que você é quilombola? Caso sim, qual a reação deles? E como foi recebida pelos colegas e professores no curso?

As respostas que foram dadas trouxeram alguns enunciados que merecem destaque, como a “estranheza”, “cobrança”, “surpresa”, assim como algumas indagações referindo-se a diferença, além de não se sentirem bem recebidas no espaço da sala de aula

Ninguém sabia, mas quando me apresentei ficaram muito surpresos (Aluno 2).

[...] A gente pode observar que na Universidade mesmo ainda têm pessoas que não sabem que existem quilombolas na Universidade (Aluna 3).

No início somente a coordenação do Campus sabia, depois comecei a compartilhar minha vida com algumas pessoas e aí que a notícia foi se espalhando. Essa experiência foi um pouco estranha devido às pessoas quererem que fossemos diferenciados, e sempre perguntavam, o que era diferente em nós? Outros falavam que nós não iríamos se adaptar no curso e outras coisas do tipo negativo (Aluna 4).

Foucault (1996, p. 9) afirma que “[...] o discurso, longe de ser [...] um elemento transparente ou neutro”. Nas falas, fica nítido o estranhamento por parte de outras pessoas em relação aos(as) alunos(as) quilombolas. As políticas de ações afirmativas ajudam a romper com os muros da universidade, e com isso passa-se a dialogar com os mais variados sujeitos, como o quilombola. Algo que era totalmente impensável há algumas décadas, já que esses sujeitos eram – e ainda são – estereotipados, já que “possuíam” uma identidade “fixa”, estática, no entanto Hall (2002, p.7) diz que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

O autor afirma que por muito tempo essa forma de pensar estabilizou a sociedade, mas com o passar do tempo essas velhas identidades não deram mais conta de abarcar uma sociedade tão pluralizada, heterogênea, rica em diversidade, que está sempre em constantes transformações.

Com relação à maneira como foram recebidos/as pelos colegas de turma e pelos/as professores/as do curso, mereceu destaque as seguintes respostas:

De forma bem estereotipada pelos alunos e os professores alguns davam parabéns e outros nem se importavam (Aluna 4).

A gente sabe que existe muita gente com preconceito dentro mesmo da Universidade (Aluna 3).

No início de maneira acolhedora, porém senti também com o tempo um certo tipo de exclusão nos trabalhos em grupos, a qual foi superada com o tempo. Mas ainda hoje me vejo sendo cobrada por assumir um papel e uma função no qual tange a minha identidade de ser mulher, negra e quilombola (Aluna 5).

O discurso das alunas suscita algumas questões que direcionam aos estereótipos que são criados para caracterizar os sujeitos que fazem parte de um determinado contexto que não é tido como “normal”. E esses discursos emergem de vários espaços, inclusive o acadêmico, por isso a importância de reconhecer a “[...] unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana” (Morin, 2003, p. 25).

Ou seja, os discursos são convergentes à medida que se reportam “estereotipadas”, “outros nem se importam” e “exclusão nos trabalhos em grupos”, isto é, a ação afirmativa é um passo importantíssimo para a inclusão, mas há de se rever os espaços para essa inclusão para serem espaços de exclusão ou segregação daqueles que ascenderam a partir de uma

política pública pensada para a inclusividade. Assim, para além dessa ideia, faz-se necessário lutar para que esses direitos conquistados não venham.

[...] reforçar ou ampliar a desigualdade. Ao contrário, se a igualdade formal sob a qual se assentam os regimes democráticos exige o reconhecimento público do tratamento similar de todos os cidadãos, ela também exige o enfrentamento da desigualdade e dos estigmas de subordinação por mecanismos de promoção e de compensação de naturezas diversas, legitimando o pacto social e político que sustenta as sociedades democráticas modernas (Jaccoud, 2008, p. 65).

Logo, percebe-se que há necessidade de reforçar as medidas de inclusão por meio das ações afirmativas, congregadas nas políticas públicas, de acesso e permanência no ensino superior, em especial, nos espaços em que estão inseridas essas pessoas que fizeram parte da presente pesquisa, ou seja, na Universidade Federal do Pará. Dito isto, argumenta-se que reconhecer o diferente, e principalmente respeitar, é de grande importância para que tenhamos uma sociedade mais igualitária, no qual o diferente não seja menosprezado por qualquer fator que seja. E o êxito desse objetivo, perpassa por uma educação emancipatória, que possibilite a reflexão crítica sobre os mais variados assuntos que surgem no meio da sociedade.

A permanência dos(a) alunos(as) quilombolas na Universidade

Nesse tópico, o trabalho tem como objetivo discutir a permanência no ensino superior dos(as) alunos(as) quilombolas, em que a permanência dos estudantes é considerada como um dos grandes desafios nas universidades públicas a serem superados, entre outros variados motivos que garantem ou anulam esse conceito. No cenário da pesquisa, verificou-se diversas variáveis que surgem como dificuldades enfrentadas pelos(as) alunos/as quilombolas para permanecerem na universidade, em que surgem dentro do contexto das barreiras sociais, culturais, psicológicas, financeiras, dentre outras.

Veloso e Maciel (2015, p. 46) afirmam que “o conceito de acesso à educação superior envolve três dimensões indissociáveis: o de ingresso, o de permanência e o de qualidade na formação, contrapondo-se, assim, há uma visão fragmentada e imediatista”. Essas três vertentes devem ser levadas em consideração e trabalhadas de forma diacrônica, já que são caracterizadas por momentos e situações diferentes. O êxito das políticas de ações afirmativas perpassa pelo acesso, permanência e um ensino de qualidade.

Com esse conceito basilar, perguntou-se aos/às alunos/as: você encontrou dificuldades durante o curso? Caso sim, quais? Os discursos foram contundentes em afirmar que sim, como se destacam os discursos abaixo:

Encontrei sim, na compreensão de conteúdo, muitos assuntos eram novos para mim, pois não tive contato durante meu ensino médio e na dificuldade de oratória, devido me achar insuficiente na leitura para as discussões em sala de aula (Aluna 5).

Com certeza, encontrei todas as dificuldades possíveis, dificuldade de leitura, interpretação, financeira na hora de comprar o material e também do tempo, pois precisei dividir esse tempo em cuidar da casa dos filhos e do estudo, pois além de ser estudante sou mãe, pai e tudo que a necessidade pede (Aluna 4).

Os discursos demonstram que as dificuldades de permanência não se configuram tão somente por serem cotistas ou por terem acessado o Ensino Superior por meio do processo seletivo especial, mas também por apresentarem, como outros, dificuldades com temáticas distantes do que tiveram na educação básica, por exemplo, com destaque para os termos: “compreensão de conteúdo”, “dificuldades de leitura” e “interpretação”. Esses elementos, certamente, quando não visibilizados pela universidade impactarão, sobremaneira, na permanência com sucesso dos/as alunos/as.

As respostas demonstram o quanto o acesso ao nível superior é apenas mais um fator que evidencia as dificuldades e “[...] desigualdade de oportunidades e exclusão que se inicia em momentos anteriores da trajetória individual” (Salvador; Heringer; Oliveira 2014, p. 11). Esses fatores são reforçados nas falas dos estudantes quando é enfatizado que no ensino médio não tiveram contato com determinados assuntos, além da dificuldade em relação à leitura, ou seja, essa dificuldade vem desde o Ensino Base. Por isso, a necessidade de se visibilizar a permanência com sucesso no vislumbre a uma educação de qualidade, mas não somente de responsabilidade dos estudantes, mas, sobretudo, da instituição que recebe esses estudantes, no sentido de dar condições tanto de acesso como de permanência com sucesso, o acesso desses(as) alunos(as) será eficaz, quando a permanência for garantida. Ademais, a questão da qualidade também é um fator relevante, logo, pensa-se que:

A qualidade converge com a ideia de bem feito e completo. A educação é o termo resumo da qualidade na área social e humana, pois ele entende que não tem como chegar à qualidade sem educação. Esta educação por sua vez, exige construção e participação, precisa de currículo, de prédios, de equipamentos, mas, sobretudo de bons professores, de gestão criativa e de ambiente construtivo, participativo, sobretudo de alunos construtivos e participativos para a qualidade se efetivar (Demo, 2001, p. 21).

Uma boa estrutura dos prédios escolares, professores qualificados e bem remunerados, bem como uma participação de toda comunidade escolar no processo de ensino e de aprendizagem, são fatores educacionais do contexto da Educação Básica e do Ensino Superior, que podem influenciar, sobremaneira, no desempenho e/ou na permanência dos(as) alunos(as) quando chegam às universidades públicas.

Paralelamente às questões acima destacadas, outros fatores ensejaram notificação, por exemplo, a questão tecnológica, como suscitado nos discursos abaixo

Sim, por diversos fatores: a relação com os colegas, com a tecnologia que exige bastante o manuseio da mesma e os textos bastante complexo (Aluna 6).

Sim, muita dificuldade mesmo. A primeira foi à financeira, depois por causa de recurso, por exemplo, o computador, impressora, entre outros, quando eu não sabia fazer nada no computador. Na universidade os estudos são bem difíceis, ainda mais se a gente for do interior que não tem uma educação de qualidade (Aluna 3).

Mediante as falas das alunas, constatou-se que a tecnologia surge como uma das dificuldades enfrentadas. O pouco contato ou o não contato com as tecnologias, certamente, acarretam desafios aos(as) alunos(as) quilombolas no Campus de Bragança, em especial quando destacam: que “a tecnologia exige manuseio” e “eu não sabia fazer nada no computador”. Esses elementos novos demonstram que são diversos os fatores que condicionam a permanência ou não desses estudantes no Ensino Superior e, por “descuido” da universidade, esses fatores são invisibilizados e não constam se quer nos planos de gestão como metas a serem executadas.

Logo, ressalta-se que o fator tecnológico é uma vertente que precisa ser discutida como um dos fatores que pode impactar na permanência dos(as) alunos(as) quilombolas, com sucesso no Campus de Bragança. Assim, é preciso mecanismos que corrijam esse déficit tecnológico a partir de ações que disponibilizem laboratórios, oficinas, cursos e estudos na área da tecnologia para os estudantes de modo geral.

Ainda sobre o assunto permanência, perguntou-se: você participa de alguma organização ou movimento dentro da universidade? Qual? As respostas foram de que possuem engajamento direto ou indiretamente nos órgãos colegiados, associações e movimentos estudantis, como se destacam os discursos abaixo

Sim, sou vice representante do grupo dos alunos quilombolas UFPACBRAG e do movimento estudantil do Campus (Aluna 5).

Sim! Atualmente sou representante dos Estudantes Quilombolas do Campus de Bragança, também faço parte do Grupo de Estudos Intercultural Pará Maranhão (GEIPAM), e exerço a função dentro da Comissão de Ética do Centro Acadêmico de História (CAHST) (Aluna 4).

Sim. Associação dos alunos quilombolas do Campus de Bragança (Aluna 1).

As respostas demonstram um engajamento político-social dos alunos/as quilombolas quando ressaltam: “sou ...”, ou “faço parte ...”, ou “exerço a função ...”, termos que demonstram a figura de suas representatividades e de pertencimento aos movimentos organizacionais dentro de uma instituição, o que, certamente, demonstra polidez e marcação de território para a garantia dos direitos constituídos nesses espaços. Ou seja, segundo Arroyo (2014, p. 134), esse tipo de coletivo tem como objetivo “[...] mostrar que sempre estiverem presentes e resistentes”. Os movimentos de resistência dentro das universidades constituem-se como ferramentas basilares para o acesso e, posteriormente, a permanência com sucesso de grupos historicamente deixados à margem, para, além disso, é uma forma de garantir direitos para futuros alunos(as) oriundos das políticas de ações afirmativas.

Complementarmente, quis indagar: você recebe algum auxílio estudantil? Da amostragem desta pesquisa, 2 (duas) alunas declararam receber a Bolsa Permanência. Outros(as) 7 (sete) disseram receber auxílio, mas não declararam qual o tipo, pois há nas universidades públicas brasileiras há diversas rubricas de auxílio. E, 1 (um/a), declarou estar aguardando abrir o processo de inscrição para solicitar os auxílios de que tem direito.

Esses relatos demonstraram que a Universidade Federal do Pará tem em sua política pública de ensino, formas financeiras de auxiliar os estudantes para, minimamente, possuírem meios de suas permanências no ensino superior. Atualmente, o valor do auxílio permanência para os/as alunos/as quilombolas é de R\$900,00.

É importante fomentar o acesso ao Ensino Superior, mas, para além disso, são necessárias medidas que auxiliem na permanência desses alunos para que a eficiência das políticas públicas seja de fato promotora de ações afirmativas às “minorias” marginalizadas por um processo histórico brasileiro de exclusão social.

Nesse sentido, Honorato, Vargas e Heringer (2014, p. 17) afirmam que há

A necessidade de que as instituições estejam muito mais comprometidas com o sucesso de todos os estudantes, nos mais variados aspectos; de que as mesmas tenham mais profissionais treinados e preparados para lidar com as novas situações que surgem. Uma das implicações desta nova interpretação é o desenvolvimento de uma percepção distinta sobre quem é este novo estudante e quais são suas dificuldades para se engajar plenamente nos estudos. Também é importante que o corpo docente e demais servidores das IFES estejam aptos a olhar para estes novos estudantes sem preconceitos do ponto de vista socioeconômico, étnico ou racial e com disposição para acolher suas contribuições para o conjunto deles. A fim de que esta postura se concretize, pode ser necessário que docentes e técnicos sejam sensibilizados em relação a estes aspectos.

Assim sendo, mais do que o auxílio financeiro é preciso de outras medidas, por exemplo, profissionais capacitados por meio de formações contínuas preparados para lidar com o “diferente”, aquilo que foge à regra instaurada na sociedade capitalista.

Ao considerar as medidas de permanência, houve a necessidade de visibilizar: qual a sua concepção sobre os negros no Campus Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará? Os discursos caminharam para a ascensão de acesso à Universidade, considerando que os obstáculos são os mais variados, mas foram e são conquistas que permitem a quebra de uma hegemonia dos “privilegiados elitistas” nas universidades, como bem se destacam nos discursos abaixo

Eu vejo que através de muitas lutas hoje os negros são um grande número dentro da Universidade, o que é uma conquista muito grande, pois infelizmente ainda existe muito preconceito quanto a isso (Aluna 1).

É que hoje podemos dizer assim que conquistamos um espaço de suma importância na universidade Federal do Pará Campus de Bragança e mesmo sendo pequeno nos orgulhamos dessa pequena conquista, mas a luta continua (Aluna 6).

Acredito que seja um grande passo não só para os alunos, mas também para a instituição, pois o ano de 2015 foi marcado pela permanência de alunos quilombolas [...] porque apesar de ter passado por diversos obstáculos superamos uma série de dificuldades um ajudando o outro por um laço de solidariedade. É importante também destacar o processo de ocupação dos estudantes quilombolas nesse espaço, pois a partir do ano já citado houve um fluxo muito intenso de estudantes para esse campus movido por esse laço estabelecido desses alunos que já permaneciam, nesse sentido a essa ocupação foi bastante importante para todos (Aluna 4).

Logo, observa-se que é nítido o sentimento de conquista e orgulho ao chegarem à universidade. A superação é uma das características apresentadas nas falas, além da importância dos(as) alunos(as) quilombolas ocuparem os espaços acadêmicos, como forma de empoderamento, em especial quando são utilizados os termos “conquista muito grande”, “conquistamos”, “nos orgulhamos dessa pequena conquista” e “ocupação”, o que, analiticamente, demonstra sobre a concepção do “ser negro/a” na universidade.

Nesse cenário de discussões, Arroyo, (2014, p. 14) afirma que “[...] todas suas vivências narradas se entrelaçam a práticas coletivas de resistências. Práticas de saber-se e afirmar-se resistentes e ter acumulado saberes de resistir aos brutais processos de subalternização”. O autor enfatiza que contra os processos de negação de direitos, há os processos contra hegemônicos que surgem dentro do contexto de práticas coletivas que são desenvolvidas pelos sujeitos.

E, com argumentos mais contundentes, destacam-se as ideias de Gonçalves e Silva (2000) quando dizem que os negros estão presentes na esfera educacional, e não apenas no sentido de fazer parte, mas com o objetivo de buscar a concretização de políticas públicas que atuem contra os tipos de exclusão, discriminação etc. O discurso dos(as) alunos (as) não é simplesmente para tornar público as lutas, mas para mostrar pelo que se luta (Foucault, 1996). Portanto, essas lutas visam – entre outros fatores – a busca pelos direitos de acesso e pela permanência nos espaços sociais.

Complementarmente, um/uma aluno/a quilombola fez o discurso de que há o aumento de negros e negras na universidade, porém, lamenta a não criação de uma “identidade quilombola” nos cursos de graduação ofertados, como se destaca a seguir:

Minha concepção sobre negros e negras é que nesse ano de 2019 tivemos um grande êxito com a entrada de muitos alunos quilombolas, porém, muitos ainda não criaram essa identidade enquanto quilombolas, assim como muitas pessoas negras dentro da UFPA, lembrando que estou falando partindo da minha experiência (Aluna 8).

O excerto acima aponta o debate sobre identidade como forma de permanência na Universidade, como argumenta Cavalcante (2014, p. 138), “a permanência ultrapassa a dimensão da materialidade e é entendida como reconhecimento também”, ou seja, a permanência ultrapassa os limites de questões financeiras, e perpassa por vertentes de reconhecimento do outro sobre o(a) aluno(a) quilombola, e do(a) próprio(a) aluno(a) quilombola sobre ele mesmo enquanto identidade e de como ele(a) se reconhece dentro do espaço acadêmico. Sendo assim, para garantir a permanência, é necessário que seja disponibilizado mais do que um auxílio financeiro, ou seja, há “[...] a necessidade do reconhecimento desses novos sujeitos na educação superior” (Valente, 2014, p. 139)

Por fim, levantaram-se as seguintes questões: como você definiria sua trajetória na universidade até o presente momento? E quais suas metas após a conclusão do Ensino Superior? Os discursos convergiram para elementos como: “participação ativa”, “prazerosa”, “superação” como definição de suas trajetórias na universidade, como se destaca abaixo:

Uma participação ativa, pois durante esse tempo participei de tudo que estava ao meu alcance, seja eventos acadêmicos, estudantil e até mesmo da ocupação nas universidades em 2016 (Aluna 4).

Um longo percurso pela frente, mas prazerosa por saber que este desafio vem cheio de conhecimento, experiência, muito cansaço também, mas Deus me dará forças, perseverança em continuar (Aluna 5).

Uma trajetória de superação e construção de identidade enquanto mulher negra e quilombola (Aluna 6).

Outro trecho que merece destaque é a “construção de identidade”, segundo Munanga (1996, p. 60), é a “identidade de resistência, que é produzida pelos atores sociais que se encontram em posição ou condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante, para resistir e sobreviver”. Portanto, é nesse processo de resistência contra as estruturas dominantes que são forjadas as identidades dos sujeitos que buscam lutar contra uma lógica hegemônica que busca manter uma configuração de desigualdades na sociedade. Ademais, outros dois discursos são trazidos com marcas de formação social para a vida e para a afirmação da identidade no contexto das lutas sociais:

Essa trajetória vai ficar marcada pra sempre no meu coração, por ser uma história de luta, sofrimento, felicidade e Vitória, nunca esquecerei o que tudo isso está trazendo na minha vida. Que e a felicidade de passar por isso é dizer quando chegar ao final e que agora eu posso ajudar a minha comunidade através dos grandes conhecimentos que a universidades trouxe. (Aluna 3).

Guerreiro, pois frequentar uma academia é enfrentar uma luta diária (Aluno 2).

Os alunos demonstram uma mistura de sentimentos em relação à trajetória deles na academia. Palavras como “luta”, “sofrimento”, “felicidade” e vitória” evidenciaram essa variedade de sentimentos. “Se o ingresso no ensino superior representa para esse grupo de estudantes „uma vitória”, a outra será certamente garantir sua permanência até a finalização do curso” (Zago, 2006, p. 233).

Ainda, constatou-se o desejo de ingressarem na Pós-Graduação, além de manifestarem a vontade de voltarem para sua comunidade e exercerem a profissão de professor/a e desenvolverem pesquisas no campo educacional, discursados nos seguintes trechos:

Em primeiro lugar vou continuar tentando, primeiro vou tentar o mestrado, um segundo plano é voltar pro meu município para exercer o meu ofício de professora (Aluna 4).

Ingressar em um mestrado e doutorado, depois voltar para minha comunidade e desenvolver pesquisas e ajudar na educação da mesma (Aluna 5).

Voltar para a minha comunidade e exercer minha função como educadora e também ingressar no mestrado (Aluna 6).

Pretendo levar projetos e melhorias pra minha comunidade melhorando a educação e a realidade da sociedade (Aluna 1).

É importante esse desejo em continuar a ocupar os espaços acadêmicos seguindo para a pós-graduação, pensado na luta por uma formação continuada no sentido de, segundo Arroyo (2014, p. 225): “[...] por escolas e universidades, pelo conhecimento científico ou por cursos de formação em espaços próprios ou na escola, na verdade buscam saberes que os ajudem a entender as verdades das experiências vividas”.

Por isso, a necessidade de fomentar e garantir a permanência desses alunos na universidade, por meio de políticas eficazes, que ultrapassem as demarcações do acesso. Ademais, as políticas de ações afirmativas devem romper com os limites apenas do acesso por meio da democratização do ensino superior e sim garantir a permanência e o direito à educação como algo inalienável.

Conclusões

Entendemos as políticas de ações afirmativas como políticas públicas que têm sido implementadas através das cotas, e que têm demonstrado uma mudança significativa em relação ao acesso de alunos(as) quilombolas na UFPA, Campus de Bragança. Enquanto nação, temos uma dívida histórica com aqueles sujeitos que ficaram e a inda ficam à margem de seus direitos, e as políticas de ações afirmativas é um caminho a ser seguido para diminuir as desigualdades em nosso país.

É preciso ações que garantam os direitos da cidadania, e as políticas públicas são, constitucionalmente, uma forma de assegurar esses direitos. Esses direitos foram conquistados à base de luta dos movimentos sociais, com o intuito de amenizar fatores históricos de exclusão. No entanto, constatou-se que há um longo caminho a ser trilhado no procedimento de efetivação do direito a uma educação de qualidade para todos os brasileiros

Preliminarmente, a conclusão nos permite enunciar que as três primeiras perguntas que foram realizadas aos(as) alunos(as) quilombolas, remeteu-nos a importância do Processo Seletivo Especial, bem como a felicidade em ter entrado na universidade, destacando-se na fala de uma aluna, o fato de ser a Universidade Federal do Pará. Ademais, enfatiza-se o sentimento de inferioridade desses sujeitos quando chegam à universidade. Portanto, é necessário que a Universidade propicie um espaço que assuma um compromisso social com esses sujeitos, para além do acesso ao Ensino Superior, ou seja, com o objetivo de garantir a permanência dos(as) alunos(as) quilombolas.

Mediante as outras falas dos alunos(as) quilombolas, observou-se certas indiferenças por parte de estudantes e docentes, essas falas reforçam a necessidade da luta, da resistência e da busca pela igualdade de direitos, contra um sistema hegemônico que busca manter a configuração atual de desigualdade e segregação dos sujeitos que são tidos como “minorias”.

Outras constatações feitas durante o presente estudo, apontam para dificuldades já na chegada à Universidade, porém, percebeu-se que essas dificuldades são reflexos de um ensino

na Educação Base deficitário. Entraves que perpassam por vários fatores, como os prédios escolares em situação precárias, e a necessidade desses alunos saírem de suas comunidades, ou mesmo abandonarem a escola, devidos a alguns fatores, como por exemplo, a necessidade de trabalharem. Outrossim, a questão tecnológica foi colocada como uma das dificuldades enfrentadas pelos(as) alunos(as) quilombolas. Logo, considera-se que o fator tecnológico se constitui como uma vertente que pode prejudicar a permanência.

No decorrer da pesquisa, foram verificadas questões referentes a movimentos sociais dentro da Universidade. Pondera-se mediante as respostas o engajamento político dos(as) alunos(as) através dos movimentos de resistência. Além dos movimentos de resistência, o auxílio financeiro mostra-se como uma ferramenta importante na garantia da permanência dos alunos(as) quilombolas na Universidade. Só a política de acesso não garante aos(as) alunos(as) quilombolas a permanência no curso, é preciso política que deem suporte a permanência dos(as) estudantes.

Por fim, o estudo demonstrou os sentimentos de orgulho e de conquista dos sujeitos da pesquisa, bem como a busca por afirmação de identidade dentro de um espaço acadêmico e formador de opiniões. Para, além disso, as falas enfatizaram que questões sobre cultura, história, identidades, valores e saberes e a afirmação de suas identidades são processos fundamentais para garantia de permanência, ou seja, falar de permanência no Ensino Superior para os alunos(a) quilombolas, é romper com a dicotomia de ter auxílio financeiro ou não, mas falar de identidade, representações, valores, cultura, formação de professores, currículo etc.

Conclui-se, de acordo com os relatos dos sujeitos da pesquisa, que os desafios quanto ao ingresso e à permanência no Ensino Superior, estão atrelados às dificuldades existentes desde a Educação Básica, desencadeando no percurso acadêmico situações complexas, em contrapartida, há a criação de estratégias e movimentos de resistência para a permanência desses alunos, que buscam romper com estruturas dominantes.

As ações afirmativas buscam a compensação do déficit educacional construído, historicamente, pelo descaso para com os sujeitos desfavorecidos socialmente, em especial para o nordeste paraense, costa amazônica brasileira. Nesse sentido, é importante ratificar que a pretensão com esse estudo é de provocar cada vez mais o debate acadêmico sobre essa temática, no intuito de buscar sempre o aprimoramento, destacando que o trabalho não se encerra com o término deste artigo, mas ressaltamos a importância de aprofundarmos a temática proposta.

Referências

ALMEIDA, Maria Isabel de. **Formação do Professor do Ensino Superior, desafios e políticas institucionais**. São Paulo, Cortez, 2012.

- ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, Outras Pedagogias**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- AZEVEDO, Janete Maria Lins. **A educação como política pública**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G (ed.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUER, Martin. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BERGMAN, Barbara. **In Defense of Affirmative Action**. New York: Basic Books, 1996.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Ed. UNB, 1992.
- CAVALCANTE, Claudia. **Educação superior, política de cotas e jovens: das estratégias de acesso às perspectivas de futuro**. 2014. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2014.
- DEMO, Pedro. **Educação pelo avesso: assistência como direito e problema**. São Paulo: Cortez, 2000.
- DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2001.
- DYE, Thomas. **Understanding Public Policy**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Vega: Passagens, 1997.
- GONÇALVES, Luiz Alberto; SILVA, Petronilha Beatriz. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n 15, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8rz8S3Dxm9ZLBghPZGKtPjv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- GOMES, Joaquim B. Barbosa. **Ação Afirmativa e princípio Constitucional da Igualdade**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claroenigma, 2015.
- HALL. Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HONORATO, Gabriela; VARGAS, Hustana; HERINGER, Rosana. Assistência estudantil e permanência na universidade pública: refletindo sobre os casos da UFRJ e da UFF. *In*: 38º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2014. [Anais do...]. Caxambu: 2014. Disponível em: <https://anpocs.org.br/2014/10/27/38o-encontro-anual-da-anpocs/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

JACCOUD, Luciana. O combate ao racismo e à desigualdade: o desafio das políticas públicas de promoção de igualdade racial. *In*: THEODORO, Mario (Org.) **As Políticas Públicas e a Desigualdade Racial no Brasil: 120 anos após abolição**. Brasília: IPEA, 2008.

LASWELL, Harold. **Politics: Who Gets What, When, How**. Cleveland: Meridian Books, 1958.

LYNN, Lawrence. **Designing Public Policy: A Casebook on the Role of Policy Analysis**. Santa Monica, Calif.: Goodyear. 1980.

MAESTRI, Mario. **Quilombos e quilombolas em terras gaúchas**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias, 1979.

MEKSENAS, Paulo. Método em Pesquisa Empírica. *In*: Pesquisa social e ação pedagógica conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2010. Cap. 6, p.109-148.

MOEHLECKE, Sabrina. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, v. 117, p. 197-217, nov. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/NcPqxNQ6DmmQ6c8h4ngfMVx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 dez. 2022.

MORIN, Edgar. Os desafios. *In*: **A cabeça bem feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8 edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MULLER, Pierre; SUREL, Yves. **A Análise das Políticas Públicas**. Tradução de Agemir Bavaresco e Alceu R. Ferraro. Pelotas: EDUCAT, 2002

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista de Antropologia da USP**, n. 28. São Paulo: USP, páginas 57 – 63, 1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/28364>. Acesso em: 15 jan. 2023.

PETERS, Guy. **American Public Policy**. Chatham, N.J.: Chatham House. 1986.

SALVADOR, Andréia Clapp; HERINGER Rosana Rodrigues; OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. Políticas de ação afirmativa: direito e reconhecimento. **Rede de Revistas Científicas da América Latina**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5522/552256736001.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDAN, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 10 jan. 2023.

VELOSO, Tereza Christina; MACIEL, Carina Elisabeth. Acesso e permanência na educação superior: análise da legislação e indicadores educacionais. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 51, n. 37, p. 224-250, jan. /abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/7178>. Acesso em: 11 jan. 2023.